



FLU. 1039  
DN 26 11.66  
CM 29.5.53  
90 29.2.60  
M221/M641  
RNYC

VISITEI durante a guerra, uma pequena aldeia italiana, onde os nazistas fizeram o mesmo que em outras: para se vingarem de alguma ofensa ou desfeita, juntaram todo o povo na igreja, e tocaram fogo e morteiro, e quem saía era morto a metralhadora. A igreja certamente foi escolhida por ser o maior recinto fechado do lugar; mas nem por isso acho menor uma coincidência que outro dia, lendo um livro, encontrei. Ao comandante alemão da tropa que fez o morticínio chamavam os italianos apenas, por lhe não saberem o nome, "il capitano pazzo", quer dizer, doido. Mas este outro capitão que fez coisas idênticas mais de 400 anos antes não era doido.

Era homem de boas letras e juízo, navegador e guerreiro, estadista e diplomata, e mandou numa grande parte do mundo. Que ele mesmo se apresente: "Afonso de Albuquerque, do conselho de El-Rei Nosso Senhor e seu capitão-mor e governador das Índias, Pérsia, Arábia e do reino e senhorio de Ormuz, de Goa e Málaca..." Depois de contar a El-Rei, em carta de 22 de dezembro de 1510, a tomada de Goa, ele escreve: "Depois queimeei a cidade e trouxe tudo à espada, e por quatro dias continuamente a vossa gente fez sangue nêles; por onde quer que o podíamos achar, não se dava vida a nenhum mouro, e enchiam as mesquitas dêles e punham-lhes fogo; aos lavradores da terra e bramanes mandei que matassem. Achamos por conta serem mortas seis mil almas mouros e mouras..."

E mais adiante, na mesma carta: "nenhuma sepultura nem edifício de mouros não deixei em pé; os que agora tomam vivos, mando-os assar; tomaram aqui um arrenegado, e mandei-o queimar". Assim nossos bons avós portugueses propagaram no mundo da fé cristã; assim nos conta e em muito bom estilo e muito boa fé o que, entre eles, foi grande entre os grandes.

Estas coisas e outras achei no pequeno volume de "Cartas para El-Rei D. Manuel I", escritas por Afonso de Albuquerque, vindo a lume na excelente Coleção de Clássicos Sá da Costa. Antes das igrejas, serviram as mesquitas de fornos para torrar fiéis; esperemos ao menos que as almas de uns e outros, desencarnadas em seus templos, tenham ido mais depressa para os respectivos paraísos. Nesta piedosa fiúza fecho a crônica, e me lanço a outras melhores ocupações de meu sábado; sábado é dia do pobre divertir.

de Rubem Braga

# Histórias

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ